

A. da Costa Moraes

Ele havia de se lembrar



A mensagem terminava trazendo consigo o calor reconfortante da esperança.

“Um dia, então, reconhecerás o caminho de casa, estarás apto a regressar, para não mais voltar. Vai...Vai agora.”

Na pequena casa branca, lá bem no fundo do Vale, um choro rompia, anunciando a chegada de uma nova vida.

- Depressa! Aqui! Cheguem-me a água quente e as toalhas. - A voz nervosa soava de um dos quartos.

Marta escutou e encaminhou-se para a porta da rua, onde a sobrinha brincava - Clara! Vai depressa chamar a Teresa. Diz-lhe que venha o quanto antes. Precisamos dela.

Clara compreendeu e partiu apressada. Corria pelo vale angustiada com a súbita agitação em sua casa. A meio da encosta, os cachos cor de mel pararam o seu movimento gracioso e Clara, com as pequenas mãos em redor da boca, gritou para todo o vale:

- Tereesaa! Tereesaa!

O nome ecoava repetidas vezes entre os camponeses que naquele magnífico olival trabalhavam desde a primeira hora do dia. Mais acima, no topo da verdejante encosta, o velho relógio embalava a aldeia com uma melodia de Nossa Senhora e, dando o ritmo a mais um final de dia de trabalho, batia cinco sonoras e metálicas badaladas. Já não faltava muito para escurecer em Mirada. Alguém respondia ao apelo, emitindo um som indecifrável, mas familiar a Clara:

- Venha depressa! A minha tia está a chamá-la. - Escutando o final da sua frase de volta, acrescentou ainda como que a certificar-se de que era ouvida - É a minha mãe! Corra Teresa!

Uma figura feminina surgiu do vale apertando o lenço escuro que teimava em escorregar da cabeça.

- O que é, Clarita? Há azar? - Perguntava Teresa enquanto cuspiam para as mãos tentando repor-lhes a humidade perdida.

- A minha mãe caiu na descida das nespereiras, acho que a minha irmã nasceu. A minha tia pediu-me que a chamasse.

O trajecto até à casa branca não durava mais do que dois minutos, mas Clara tentava encurtá-lo. Teresa olhava-a de soslaio "enquanto se passaram seis anos". Percebendo que a garota se preparava para a seguir até ao quarto, Teresa ordenou-lhe num afável pedido:

- Espera cá fora. Se eu precisar de ti chamo-te... - vindo a inquietação de Clara, acrescentou ainda - E não te apoquentes, estou certa de que está tudo bem. - Os seus olhos sorriram quando

subiu os dois degraus e entrou apressada. A mulher aparentava cinquenta anos, tinha uma estrutura forte, mas não mais de um metro e meio de altura.

Clara sentou-se revelando a sua doce obediência.

Todos gostavam de Teresa. Embora não tivesse sido aventureira com a graça da fecundidade, era pelas suas abençoadas mãos que nasciam os membros daquela terra. Teresa transpirava serenidade e confiança e o seu sorriso apaziguava. A pequena Clara estava apreensiva, queria entrar naquele quarto. Teresa havia dito que estava tudo bem, mas para que seria a água e as toalhas? Sentada na eira daquela casa bem caiada, os seus olhos verdes reflectiam o horizonte de pinheiros, enquanto as suas mãos distraídas brincavam com dois bagos de milho. Uma voz veio romper o silêncio:

- A tua irmã nasceu, minha querida. - A mulher parecia aliviada.

A expressão de Clara iluminava-se.

- É, foi antes do que esperávamos, mas o que importa é que estão as duas bem. Vai vê-las! - A avó Amélia falava com ternura, não escondendo a sua grande felicidade.

Estavam várias mulheres no pequeno quarto, mas Clara só viu a mãe. Maria, encostada nos travesseiros, tinha algo no colo. Parecia muito cansada.

- Vem, Clara! - O tom calmo e feliz daquela mulher devolveu-lhe a confiança.

Lentamente, aproximou-se. Aconchegada no peito de Maria surgia das mantas claras um pequeno ser. Clara avançou um pouco mais para ver melhor e parou muito quieta, quando conseguiu falar sussurrou: - É tão pequenino...

- Não é um menino, Clara. É uma menina!

Clara olhava a mãe - Uma menina? Mas nós já tínhamos escolhido o nome, não pode chamar-se José.

- Não! - Maria sorria.

- Posso pegar-lhe? - A sua ânsia era agora evidente.

- Ainda não...

Clara afagou a irmã com a ternura genuína de uma criança. - Ainda agora nasceu e já está a dormir?! - A sua ânsia era evidente, queria ver e ser vista pelo novo membro da família. Maria sorriu, baixando o olhar para a recém-nascida. - E agora? Como é que lhe vamos chamar, mãe? Já nasceu e não tem nome.

Maria fixou a filha e respondeu:

– Salomé! Chama-se Salomé!

Marta, que as rodeava numa actividade quase frenética, atarefada com a limpeza do leito, parou ao sentir o tom com que Maria proferia o nome “Salomé”. Discretamente observou a irmã, esta fixava a filha mais velha sem a ver. Marta conhecia bem aquela expressão ausente: “estranho, o nome estava escolhido... mas nunca o havia mencionado antes.” Marta juntou as toalhas sujas e saiu do quarto.

Naquela noite, Clara teve um sono muito agitado. O seu colchão de palha parecia-lhe mais duro que o habitual. Comummente, adormecia de cansaço, mas naquela noite os pensamentos atropelavam-se. “Uma menina... Salomé, Salomé, Salomé...” repetia querendo afeiçoar-se a um nome e a um rosto que nada lhe diziam até então. “Será que vai gostar de mim?” Clara queria ir para o quarto da mãe, a Salomé estava lá... poucas vezes tinha tido esse privilégio, pelo menos que se lembrasse. No dia seguinte, teria uma grande novidade para contar à Francisca, colega de escola e sua melhor amiga. O sono chegou por fim, mas acompanhado de sonhos e pesadelos. Quando a avó Amélia entrou no quarto pela manhã, Clara sentia que tinha acabado de adormecer.

– Clara. Clarinha, minha filha! Acorda. – Sentada na beira da cama, abanava de leve a neta. – Então?! O que tens hoje que não acordas?

Clara mexia-se e o seu rosto denotava a luta entre o sono e o despertar. Enquanto esfregava os olhos dizia:

– Avozinha, já são horas? Estou tão cansada.

Subitamente, num único gesto ficou sentada na cama.

– Avó! A Salomé! É verdade! Hoje tenho uma irmã! – disse efusiva com a lembrança repentina da boa nova.

Pé ante pé, Clara dirigiu-se para a porta em frente à sua. Ruidosamente, colocou a mão na maçaneta para fazer sentir a sua presença.

– Mãe, dá licença que entre?

– Entra!

Clara deu dois passos e estacou. A surpresa estava estampada no seu rosto. A mãe amamentava a Salomé e de alguma forma a imagem que via causava-lhe estranheza.

A mãe, geralmente, uma mulher indiferente, impassível, naquele instante tinha um jeito meigo, ao mesmo tempo, frágil, e quase que... maternal. A sua mãe encarnava uma mulher que Clara nunca tinha visto. Repentinamente, desviou o olhar e prendeu-o a custo na velha portada de madeira que permanecia fechada. Disfarçando, perguntou:

– Quer que abra as portadas, mãe? Já amanheceu!

– Não chegas ao trinco de cima, Clara. Vem cá. Não queres ver a tua irmã?! Está com os olhos abertos, aproveita!

– Tem olhos azuis?

– Enquanto eu der peito, depois a cor pode mudar. – Maria admirava a filha – É tão bonita... não é, Clara?

Uma vez mais, surpreendeu-se com a mulher a seu lado, não se lembrava de ter algum dia recebido aquele afecto, pelo menos não daquela forma apaixonada.

– Mãe... – pareceu hesitante – gosta mais da Salomé do que de mim?

Maria sorriu, fitou a filha por uns momentos e respondeu:

– Não, Clarinha, gosto igualmente das duas.

Clara não gostou da resposta, ela estava com a mãe há mais tempo, a irmã nem um dia tinha e a mãe já gostava das duas da mesma forma... Com um gesto brusco enlaçou o pescoço de Maria e encostando o rosto ao seu ombro disse baixinho:

– Gosto muito de si.

– Eu também gosto muito de ti, minha filha. – Maria respondia sem desviar os olhos de Salomé que, alheia a tudo, mamava sofregamente.

Subitamente, Maria perdeu o sorriso e uma sombra atravessou os seus olhos claros. A conversa surgiu abrupta:

– És a mais velha, tens de tomar conta da tua irmã. – Como se Clara não reagisse, Maria prosseguiu – Há gente muito má por aí! – Novamente, parou por breves instantes como se escolhesse as palavras certas e, desta vez, esforçou-se por parecer mais casual – Há homens... que até roubam bebés para os vender longe daqui!

Aquela ideia, embora absurda, era a única que lhe ocorria para chamar a atenção da filha para a presença de estranhos nas redondezas. Clara sentiu-se assustada com aquela surpreendente revelação e retorquiu com um riso nervoso:

– Ó, Mãe, não há nada!

Maria fixou os olhos de Clara e, pela primeira vez desde que esta entrara no quarto, falou num tom estranhamente autoritário:

- Não vais perder nunca, nunca, a tua irmã de vista!

Clara encolheu os ombros e abanou a cabeça, tentando amenizar o exagero de Maria.

- Ouviste, Clara? - Maria subiu o tom e esperou uma resposta.

- Está bem, mãe.

A pequena estava confusa. “Porquê ela? E a avó Amélia? E a tia Marta? Porque é que a mãe lhe tinha dito aquilo? Logo a si, a mais nova...”. Beijou de leve a testa da pequena Salomé e sem mais saiu do quarto.

- Vem, Clara! - Amélia chamava da cozinha - Já vais chegar atrasada.

Clara bebeu o copo de leite de uma vez só, tinha de atravessar a pequena aldeia para chegar à única escola existente, a Escola Primária de Mirada.

Dirigindo-se à porta, perguntou em tom casual, olhando para trás:

- Avozinha, há senhores maus que roubam os bebés?

Amélia franziu as sobrancelhas e, por segundos, permaneceu imóvel.

- Não, meu amor. Quem te disse isso? - Amélia estremeceu com a pergunta da neta e, temendo a surpresa da resposta, deu as costas, pondo a chaleira, novamente, ao lume.

- A mãe!

Amélia olhava o lume, enquanto pensava “que estranha tem andado Maria”, o seu coração apertou-se como se algo a assaltasse. Percebendo que a neta não saía, acrescentou:

- Clarinha... a tua mãe acabou de ter um filho, está ainda fraca e baralhada das ideias, dormiu pouco também, não debes ligar muito ao que diz... À noite quando rezares, pede a Jesus para que vos proteja, ele é muito nosso amigo e está sempre presente. Tenho a certeza que não deixará nada de mal acontecer nem a ti, nem à Salomé. Além do mais, tenho a certeza que esses senhores maus não andam por estas bandas! Agora vai, senão chegas tarde.

- Até logo, avó.

A porta bateu e Clara seguiu correndo com a merenda numa mão e os livros na outra. A manhã estava soalheira dando brilho ao orvalho na vegetação densa à beira do caminho. Estava frio.

Amélia em casa, sentava-se num pequeno banco de madeira e olhava o lume que crepitava. “Senhores maus...” A frase não lhe saía da cabeça. “Quem seriam os senhores maus de Maria? De que tem medo?”

Eram cinco da tarde. Manuel acabava mais um dia de trabalho, fazia agora um mês que não ia a casa. Sentado, encostado ao tronco irregular de uma centenária oliveira, apreciava a beleza de mais um final de tarde. Sem pressa, descascava uma maçã. A forma da casca fê-lo parar um instante e esboçar um saudoso sorriso. “Os caracóis de Clara”. Tinha verdadeira adoração pela catraia, sua única filha. “Como estará Maria?” pensou. Há dois dias atrás, tinha telefonado para casa e tudo estava tranquilo. Faltavam ainda quase dois meses para nascer José, desta vez tinha fé que fosse um menino. Maria, com o anúncio da gravidez, tinha escolhido o nome de imediato, menosprezando um eventual desagrado que pudesse ter surgido de sua parte.

A distância imposta pelo seu trabalho tinha criado no casal um afastamento que muito custava a Manuel. Filho de gente abastada havia renunciado a tudo por Maria. O seu olhar longínquo denotava melancolia e pesar, a mulher parecia não entender todo o sacrifício que fazia por ela. Manuel vivia agora, unicamente, do seu trabalho. Frequentemente, deslocava-se para longe de casa e Maria não gostava, impondo-lhe uma muda culpabilização. “Mas, o que poderia fazer?”, questionava-se. Na pequena aldeia onde viviam, Mirada, algures perdida no interior centro de Vivência, não havia outros ofícios para além dos afazeres da lavoura. Finalmente, tinha surgido esta oportunidade de trabalho na construção da nova barragem, esperava, agora, juntar algum dinheiro e com ele proporcionar à família uma vida mais fácil. Ansiava por juntar-se aos seus.

– Manel! Manel! Recado para ti da Vila – gritava um jovem rapaz correndo ofegante em sua direcção – falaram de Mirada e pediram que ligasses para lá com urgência.

Manuel levantou-se prontamente, pegou na bolsa e perguntou com um ar apreensivo:

- Não disseram de que se tratava?
- A mim não.
- Está aí alguém que me possa dar uma boleia até à Vila?
- Hum... talvez o Fernando, está lá para baixo.

Apressado desceu, tentando encontrar alguém que o pudesse ajudar a chegar à Vila, a pé andaria uma hora até ao telefone mais próximo.

Enquanto discava o número atribuído à única mercearia existente em Mirada, Manuel podia ouvir o bater do seu coração. “Isto não deve ser nada de bom... nunca é...” pensava como se aquela habitual lamúria o preparasse de antemão para o pior.

Na sua mente dançava a imagem da pequena Clara em apuros, Maria e a sua barriga, a avó Amélia sempre a cair... “Meu Deus! O que será desta vez?”

Do outro lado da linha, chegava um som entrecortado. O telefone chamava, mas na mercearia ninguém parecia importar-se com ele.

- Com mil raios! Atendam esse telefone! – praguejava Manuel impaciente.

- Tá? – Manuel reconheceu de imediato a voz da proprietária do estabelecimento.

- Dona Josefina?! É o Manuel do Vale. O genro da Amélia Lopes.

- Acrescentou para que não restassem dúvidas.

- Ah! A tua sogra veio cá há pouco, queria falar-te. É que nasceu a tua filha, Manel.

A noite estava quieta e escura. Manuel parecia dormir, a cabeça encostada à janela tremia levemente com as irregularidades do piso. Seguiam para a cidade mais perto de Mirada em marcha lenta. Certeza ficava a uns dez quilómetros do seu destino, lá encontraria um meio de chegar a casa.

Afinal era outra menina... Manuel questionava-se sobre o prematuro nascimento, não compreendia. “Nasceu quase dois meses antes... Estará bem?”

Estava casado há quase sete anos, o tempo passava veloz. Recordou uma vez mais o dia em que conheceu Maria.

Chorava sentada no chão, perto de uma das muitas fontes de Mirada, a Fonte do Vale. Camuflada pelas silvas, não a teria visto se não fosse o choro de profunda tristeza. Aproximou-se devagar sem ser visto. A cena que viu fê-lo parar. Escondido observou. Maria estava de cabeça baixa, soluçava olhando para a saia clara

manchada de sangue vivo. Não tinha mais de vinte anos. Ocorreu-lhe que tivesse caído, mas algo o impedia de avançar oferecendo ajuda, eis que um pequeno galho estalou seco debaixo do seu pé e Maria levantou os olhos, perguntando:

- Quem está aí? - gritou furiosa - Quem está aí que apareça!

Manuel endireitou-se e avançou timidamente:

- Desculpe, menina, estava a passar e vi-a assim. - parecia hesitar - Precisa de ajuda?

- Não! - respondeu Maria secamente, enxugando as lágrimas com prontidão.

- Quem é você? E o que quer daqui?

- Não sou de cá, eu... - respondeu Manuel, preparando-se para explicar o motivo da sua presença naquele local.

- Não me interessa de onde é. Vá-se embora! E não diga a ninguém que me viu aqui.

Manuel acedeu a custo ao pedido, não queria deixá-la ali, naquele estado, sozinha.

- Tem a certeza que não precisa de nada, consegue andar? - indagou ainda.

- Saia daqui, deixe-me em paz! - Maria estava demasiado nervosa.

Enquanto seguia, Manuel pensava "Como é bonita. Que lhe terá acontecido? Isto não deve ser nada de bom... nunca é."

- Filho, onde raio te meteste? - Manuel descia tão distraído que quase esbarrou com Joaquim, algo irritado com a ausência do filho.

- Comecei a andar e... perdi-me. - Disse, esforçando-se para que o olhar não o traísse.

- Então, que tal te parece isto?

- Não sei pai, mas acho que não devias vender, nunca se sabe... além do mais, não necessitas do dinheiro. Podes deixar isto valorizar-se!

Joaquim mudou de expressão, estupefacto com a súbita mudança de opinião.

- Mas porquê? Estás doido? Na viagem para cá dizias-me que o melhor era vender, que não somos agricultores, vivemos longe e deixar esta terra aqui era deitar dinheiro à rua. Agora saís-te com essa novidade. Valorizar! Esta juventude... - dizia abanando a cabeça.

Manuel não tinha razão, aparente, para ter mudado de ideia, mas a verdade é que tinha mudado. Não queria sair daquele lugar com a sensação de que nunca mais lá voltaria.

- Então Sr. Joaquim, deu com o terreno? - Alguém perguntava curioso ao ver pai e filho reaparecer na encosta.

- Eh - dizia Joaquim ofegante com a subida íngreme - ainda é grande... Um dos marcos está meio tosco, fiquei com dúvidas se a extrema seria ali - Joaquim observava a paisagem - tirando aquela pequena casa branca, nada mais se vê em redor?!

- É verdade. Aquela casa é dos Lopes, ou melhor, da Amélia, que o António morreu há uns tempos, que Deus o tenha. Vive lá com as duas filhas, bem... às vezes só com uma... - comentou quase em sussurro, tentando inconscientemente aguçar a curiosidade de Joaquim. Manuel interessou-se na história.

- Então, mas porquê? - perguntou inesperadamente.

Joaquim olhou o filho com ar interrogativo.

- Consta. Bem... dizem por aí, não sei se é verdade, que a mais velha é "amantizada" com um cigano - fez-se um ligeiro silêncio e o homem prosseguiu - há uns tempos desapareceu por três meses, ninguém sabia dela. Voltou agora e, dizem as más-línguas, prenha do tal cigano. Cá a mim, parece-me que o pai, tão bom homem, até morreu foi de desgosto com a filha. Foi uma pena... Coitado, homens como aquele há poucos. - Falava baixo, olhando entre o chão e os seus interlocutores para um sítio indeterminado.

Manuel continuava interessado na historieta de alcofa para espanto do pai.

- Então mas afinal, que idade é que tem essa menina? - perguntou recordando o rosto da jovem que permanecia gravado na sua memória.

- Deve ter para aí uns dezanove. A Marta é da idade da minha filha Jacinta, tem dezassete... a outra já tinha uns dois quando a pequenita nasceu. É, deve ter uns dezanove agora. - O homem parecia contente com a companhia e, por isso, alargava o momento aproveitando o interesse do jovem rapaz. - É pena ser assim tão rameira, porque é uma mulher que agrada a qualquer homem, sai à avó dela. - Novamente, o seu olhar perdia-se no espaço comentando saudosista - Era bonita de fazer arder a vista... morreu nova!

Manuel teve a certeza naquele instante. Tratava-se da mesma pessoa.

As cigarras pareciam agora acordar da sesta, a aragem já quente do final de Maio queimava a pele.

- Vamos embora Manuel, ainda temos muitos quilómetros pela frente - levantou-se devagar endireitando as costas - a minha sorte tinha de ser neste fim de mundo! - Lamentou ainda, antes de iniciar a caminhada até ao carro.

A família de Joaquim estava em processo de partilhas. Uma tia falecera sem descendentes directos, tinha vindo com Manuel conhecer a parte que lhe cabia por direito. Tinha estado apenas uma ou duas vezes em Mirada, mas agora impunha-se dar um destino a tal terra que permanecia entregue a si mesma já há uns bons anos.

Os três homens apertaram as mãos e pai e filho seguiram.

Uns metros à frente, Manuel parou sem razão aparente, girou nos calcanhares e correu até ao homem que permanecia no mesmo local. Após uns segundos regressou.

- O que foi agora, Manuel? Estás estranho esta tarde, que bicho te mordeu?

- Pensei que tivesse deixado o meu canivete ali no chão, mas afinal estava dentro do bolso - respondeu evitando o olhar do pai.

Ao longe, o homem sorria sorrateiro, enquanto pensava "Curioso o rapaz, hem?! Para que queria ele saber o nome da pequena?".

De regresso a casa, Manuel fingia dormir, não lhe apetecia conversas, queria apenas lembrar aquele rosto e congeminar possíveis respostas para as suas tantas questões. "Estaria realmente grávida do cigano? Porque não estava então com ele? Talvez não pudesse, afinal deve ser difícil ser-se aceite no seio de uma família cigana. Além de que, o homem havia dito *amantizada*, o cigano devia ser casado... Pobre rapariga. Que sangue seria aquele na sua saia, e porque chorava assim?" Um misto de sentimentos espalhava-se por todo o seu corpo, como um veneno introduzido sem permissão nas suas veias. Apetecia-lhe voltar para trás e, no mesmo local, abraçá-la. No seu íntimo sentia que voltaria a vê-la.

Joaquim olhava de soslaio o filho que dormia. Conduzia tentando evitar os buracos, mas a estrada era velha e estava em muito mau estado. "Não sei como consegue dormir com a cabeça a bater no vidro da janela, sempre foi assim. Este meu filho". Joaquim sentia um enorme orgulho. "Não vejo a hora de casar-se para me

dar muitos netos. A Aurora é boa pequena, vai fazê-lo um homem feliz.” A luz foi rapidamente substituída pela cegueira da noite e Joaquim acendeu as luzes do veículo, alheio ao que aquela viagem modificaria os seus destinos.

Perdido em recordações, Manuel só notou que chegava a Certeja, vindo directamente da barragem, quando a camioneta parou na estação. Eram dez horas da noite, o céu estava limpo, Manuel desceu as escadas e vestiu, apressadamente, um casaco. “Que frio que está aqui!”

– Manel! Manel! Vais para Mirada? – alguém perguntava ao longe saindo de um outro autocarro.

– Vou, e tu?

– Também! Rachamos um táxi? A esta hora já não temos carreira, o que me dizes?

– Acho bem! – respondeu Manuel.

Caminhavam na direcção um do outro sorrindo com o encontro não planeado.

– António, como estás tu, homem? – dizia Manuel apertando a mão do primo da mulher com entusiasmo.

– Eu estou bem, e tu? A barragem já está pronta? Estás de volta?

– Ainda não, venho só de visita à família.

– Então? Há azar? – questionou António intrigado.

– Nasceu-nos a filha. – Manuel não conseguiu disfarçar a sua imensa felicidade. António abraçou-o e batendo-lhe nas costas, saudou-o com entusiasmo:

– Parabéns, homem! E muitas felicidades! Como te invejo!

Enquanto entravam no táxi, António lembrou-se:

– Manuel, não foi muito cedo?

– O quê, António?

– O nascimento!

– Não sei muita coisa, só vou saber detalhes quando chegar a Mirada.

Ao som da porta que se fechava com audível veemência, o motorista arrancou.

Sentada na cama, Maria olhava Salomé atenciosamente. O seu rosto espelhava sentimentos imperceptíveis. Tinham, finalmente, conseguido avisar o Manuel na barragem, “Ainda chegará hoje? Se bem o conheço, deixará tudo! Deve estar preocupado com o nascimento repentino, será que lhe explicaram que nasceu porque caí? Manuel é tão bom homem...”

Dirigiu-se à cama da filha, retirou-a do berço e abraçou-a. A sua expressão contraiu-se e os seus olhos cerraram-se num aperto que parecia de dor. Aquela não era, seguramente, a imagem da felicidade. Por algum motivo desconhecido aquela alma estava demasiado pesada.

Manuel estava a chegar. “É tão bom homem... tenho que me esforçar... É quase tão duro rejeitar, como ser rejeitado. Ele não tem culpa, ele não merece isto...” Pela face de Maria correu uma única lágrima que, traiçoeiramente, a atravessou num ápice.

Silenciosa, Amélia deu meia volta e dirigiu-se para a cozinha. Preparava-se para entrar no quarto da filha, certa de que esta dormiria, quando foi surpreendida por aquela estranha imagem. Não via Maria chorar há já uns anos. Sentiu-se, novamente, apreensiva, sentia que o nascimento da neta tinha vindo perturbá-la, mas não entendia o porquê. “Vivemos lado a lado das pessoas uma vida, mas na realidade pouco sabemos do seu coração”, pensava, entrando de novo no seu quarto.

Amélia deitou-se e apagou a vela que trazia religiosamente consigo de divisão em divisão. Embora já houvesse electricidade na aldeia, a luz faltava constantemente e muitos, como Amélia, ainda não tinham perdido o velho hábito da vela e do candeeiro a petróleo. Na escuridão do aposento, voltou a sentir aquele aperto que lhe atingia o coração. Não suportaria ver de novo a filha em sofrimento.

Ao contrário de Maria, Amélia era uma mulher baixa, robusta sem ser gorda, de olhos pequenos, movia-se com graciosidade e, quando estava nos seus dias, era considerada uma das pessoas mais divertidas de Mirada. Levantou-se e sentou-se na cama, não conseguia dormir estava demasiado agitada. Voltou a acender a

vela e retirou da gaveta da mesa-de-cabeceira um pano de linho branco que estava a bordar para presentear a sua nova neta.

A mão, que revelava as cinco décadas da sua existência, ia e vinha acompanhando o ritmo dos pensamentos, tentava afastar alguns deles, mas as lágrimas de Maria já os tinham despertado. Na intimidade do seu leito, Amélia revia agora momentos, sete anos atrás, em que Maria corria vale abaixo, chorando e gritando.

- Odeio-vos a todos!

- Volta aqui! - Dizia Amélia assustada, tentando reter a filha perto de si, temendo que, sozinha, fizesse uma qualquer loucura - Não corras assim, vais cair e magoar-te.

- Quero morrer! Quero morrer! - Maria afastava-se em desespero.

As imagens atropelavam-se na mente de Amélia, ressuscitando aqueles negros meses. A filha mais velha desaparecida. O ataque repentino que vitimava António. Amélia abanava a cabeça, mordendo o lábio, já tinha chorado muito, não podia mais.

A Maria que um dia fugiu de casa nunca mais voltou e, dessa, Amélia tinha muitas saudades. As gargalhadas que enchiam todo o ambiente com uma musicalidade muito própria da casa dos Lopes, aquele rosto luminoso sempre sorridente, as repetidas travessuras, as múltiplas interrogações e sempre, os sonhos impossíveis... “As minhas filhas são muito diferentes uma da outra” pensava Amélia.

Marta andava pela casa sem se sentir a sua presença, apreciava o silêncio. Amélia encontrava-a muitas vezes no quarto sem qualquer luz, quando lhe perguntavam porquê, respondia docemente “Penso melhor na escuridão, não me distraio com pormenores!”. Maria achava a irmã um tanto ou quanto invulgar, mas apreciava a serenidade e a segurança que transpiravam da sua presença, não tinha melhor amiga.

As recordações sucediam-se, Amélia cerrava os olhos tentado travá-las. Aquele augurante dia em que Maria contava a Marta o seu novo romance. Amélia recordava as palavras proferidas, em surdina, pela filha mais velha:

- Mas diz-me, onde está esse teu homem que eu ainda não o conheço?

- Vem visitar-me às vezes, quando pode... - Maria baixou os olhos - trabalha muito e não vive perto. Não é fácil vir cá.

- Onde vive? - indagou Marta.
- Não sei bem, algures a uns vinte quilómetros daqui.
- Acho que devias falar dele aos pais, afinal a D. Josefina viu-vos, não foi? É melhor seres tu a contar, aquela velha é bisbilhoteira.

A expressão de Maria ficou séria e silenciosa por uns instantes e Amélia, escondida, teve de suster a respiração para não se denunciar. Já lhe tinha chegado aos ouvidos que andavam a falar da filha mais velha, mas apesar de não ser bonito andar por aí agarrado aos beijos, não entendia o porquê de tanto falatório. "Enfim... isto é próprio de uma pequena aldeia onde todos se conhecem e gostam de dar à língua, especialmente dos filhos dos outros!". Maria era jovem e se queria ter um namorado, Amélia não via nenhum mal nisso.

Maria interrompeu o silêncio anunciando:

- Não, Marta. Não posso contar aos pais. Ele é cigano.

Amélia gelou. Não podia acreditar. "Um cigano, não!"

Gerações atrás, numa disputa de terras, familiares seus haviam morrido às mãos de ciganos. O ódio e o terror à raça ficaram na família como uma doença genética que se prolongou até à geração de Amélia. Apesar de boa pessoa, Amélia nunca conseguiu ultrapassar o preconceito, estava-lhe no sangue e só de falar no assunto, os seus pêlos eriçavam-se.

O emudecimento com que se arrastou até casa, escondia os brados da sua alma. Encostada à ombreira da porta, ainda podia ouvir as vozes das filhas que haviam subido o volume com a emoção do tema.

- Vais ter um problema aqui em casa. - Marta ainda que um pouco espantada com a revelação, tinha um espírito despido de preconceitos e as antigas histórias da mãe em nada a influenciaram.

- Pensas que não sei?! Porque achas que me escondo há tantos meses? - pensou um pouco e prosseguiu -Tenho andado a pensar em fugir com ele.

- Estás doida? - retorquiu Marta - Fugir não é solução. Pode parecer mais fácil, mas só estás a adiar. Um dia não poderás fugir mais e terás de enfrentar os pais.

Maria não parecia convencida, sabia o que tinha pela frente e não se sentia preparada para isso, pelo menos não naquele momento. Queria aproveitar cada minuto com José e estar em paz para gozar aquela paixão com a plenitude que ela merecia. Aquele homem era a coisa mais importante da sua vida e só isso interessava.

– Vais magoar muito os pais se fugires sem dizer nada... – Marta insistia – eu até compreendo o teu receio, a mãe não aceitará, mas em relação ao pai... ele é diferente. Talvez até te ajudasse a convencer a mãe, com o tempo tudo se haveria de arranjar, de contrário... vão morrer de desgosto.

– Eu sei, mas vou magoá-los de qualquer forma.

– Não penses assim. Vê bem, minha irmã, se contares, eles podem não concordar com as tuas escolhas, a mãe vai reagir mal, já sabemos, mas isso não interessa, tu és livre. Todos somos. Desaparecer sem dizer nada é completamente diferente, vão sofrer pelas tuas decisões e pela falta de consideração que revelaste. O pai acima de tudo vai ficar tão desiludido com a tua falta de coragem. – Marta tentava a todo o custo dissuadir a irmã, mas tinha certeza do seu insucesso.

Amélia recordou aquela hora há muito enterrada, os dias de desespero que se seguiram foram os mais difíceis da sua vida. A preocupação, o medo, a angústia, a saudade... Amélia não sabia gerir tanta revolta, fazia os seus afazeres de cara no chão. Durante quase três meses, não se ouviu vivalma naquela casa. Primeiro pela ausência de Maria e, depois, pela morte de António.

Amélia tinha vergonha do olhar da aldeia e do murmúrio das suas gentes... “Então Amélia, há novidades?”, esta acenava negativamente e continuava o seu percurso, mas não podia deixar de escutar, lá mais atrás em surdina, os jocosos comentários. “Sempre a deixaram fazer tudo, agora não se queixem”, “Qualquer dia aparece aí com um catraio para a Amélia tomar conta”, “Deixa lá Amélia, está bem de certeza, se estivesse mal já teria voltado.”

Foi durante aqueles sombrios meses que, certa manhã, Marta acordou com os gritos da mãe:

–Ai, meu Deus! Acudam-me!

No tom desesperado da mãe, Marta sentiu o anúncio da desgraça. Apressada entrou no quarto e viu o pai inerte e lívido, os braços caídos ao longo da cama, que Amélia esfregava energicamente como se quisesse fazer renascer alguma cor e algum calor.

Embora muito alto, António tinha uma estrutura débil. E a asma, doença que se tinha agudizado desde a partida de Maria, em nada tinha ajudado ao seu bem estar. “Tem os olhos fechados. Deus

permita que tenha morrido sem dar conta, sem sofrer muito”, as lágrimas teimavam em correr, mas Marta nada dizia. Queria confortar a mãe que carpia inconformada, pedindo o socorro de alguém. Porém, nada surgia capaz de suavizar tal dor e angústia. Restava a esperança de que o seu caloroso abraço a fizesse sentir menos só.

– Marta, vai chamar alguém para ver o teu pai! – suplicou Amélia desesperada. No fundo, sabia que era tarde demais, a frieza do corpo não deixava dúvidas ao que a imagem só por si já revelava. Contudo, a aceitação não era fácil.

– Vai Marta, corre por favor!

Marta andava estrada fora, chorando copiosamente em silêncio. Olhou o céu, o sol, o dia, tão igual a tantos outros e tão diferente. Tudo estava nos seus sítios e tão fora deles. Observava as pessoas que trabalhavam no campo, alheias à sua perda, e pensava “O pai morreu! Parem todos!!!!”. Marta gritava sem abrir a boca “O mundo inteiro devia parar. O céu devia estar de luto, ordenando às suas nuvens lágrimas sobre aquela terra. Como podia estar um dia tão radioso?”.

A frase característica que ouvira ao longo dos anos trespassou num ápice a mente de Marta “Coragem... a vida continua... tens de ser forte”. Em algum momento tal expressão tinha feito sentido. Pensando bem, talvez ela própria já a tivesse dito, nunca mais diria tal coisa. “Maria. Meu Deus, Maria. Onde estarás minha irmã? Como te vou avisar? Que desgosto...”. A partida de Maria tinha deixado o pai muito triste e deprimido. “*Porquê?, porquê?*” Sussurrava pela casa constantemente. Amélia preocupada tentava suavizar o caso dizendo “São coisas da idade, logo, logo, está aí”. António não teria morrido de desgosto, mas a saudade e a inquietude certamente teriam contribuído. Maria tinha sido, desde sempre, a eleita do pai e, de certa forma, Marta a da mãe, ambas aceitavam as preferências dos progenitores convivendo com elas de uma forma divertida até.

Marta entrou na loja de Josefina.

– Preciso fazer um telefonema urgente.

A figura seca entrou para colocar o contador a zero e Marta abriu a lista telefónica da região, correu o dedo até encontrar “Hospital Municipal de Certeja”.

– Já podes ligar.

Tremulamente, Marta começou a discar o número, do outro lado da linha alguém atendeu:

- Está lá?

- Sim, estou a falar de Mirada, o meu pai faleceu há pouco, precisamos de ajuda - forçava-se a falar.

- E onde está o senhor neste momento?

- Em casa, na cama.

- Já foi visto pelo médico da aldeia?

- Não, não temos nenhum médico aqui, só um enfermeiro, mas não o chamei, preferi telefonar para o hospital.

- Eu vou já enviar um médico e uma ambulância para o ir buscar - a recepcionista hesitou antes de continuar - lamento, sei que o momento não deve ser fácil para si, mas preciso de mais umas informações.

Marta mordeu o lábio e uma lágrima saltou, fechou os olhos com força e prosseguiu:

- Pode dizer.

- Como aconteceu isso?

- Não sabemos, quando acordámos, já estava assim, inerte... e... frio.

- Diga-me a morada, por favor.

- Casa dos Lopes, Caminho do Vale, Mirada. - Marta falou sem pensar no que dizia. Respirou fundo e continuou - basta perguntar a alguém, aqui todos se conhecem.

- Não tarda estarão aí. Sinto muito. - A recepcionista desligou.

Marta viu o vulto afastar-se rapidamente do local isolado onde estava o telefone público e pensou "Cusca! É sempre a mesma coisa". Ao pagar, a viúva questionou, evidenciando ter ouvido o telefonema:

- Estás a chorar, Marta? Aconteceu alguma coisa?

Marta bateu com as moedas na bancada de pedra e saiu sem responder. Sabia que não era a atitude acertada, mas estava demasiado perturbada, não conseguia pensar, não sabia o que fazer ou dizer. As conversas que se avizinhavam, os abraços de quem não sente e os olhares piedosos desesperavam-na, queria fugir dali, queria acordar daquele pesadelo. "Maria onde estarás?", as lágrimas voltaram a correr.

Duas horas depois saía do seu esconderijo e regressava por fim a casa. Ao aproximar-se, percebeu uma multidão à porta de casa, "Não, não vou ter força para isto."